

A Agroecologia na Comunidade Emiliano Zapata e a Re-Significação do Campo

The Agroecology in a Community Emiliano Zapata and Re-Significance of Field

MOREIRA, Silvana dos Santos. Escola Latino Americana de Agroecologia, silvanasmor@yahoo.com.br; HARDER, Eduardo. Universidade Federal do Paraná – Campus Litoral, eduardoharder@ufpr.br; VALADÃO, Adriano da Costa. Universidade Estadual de Ponta Grossa, adrianocv01@yahoo.com.br.

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar a insuficiência dos conceitos de “subsistência” e “autoconsumo”, para designar a realidade em construção a partir da agroecologia e do processo de organização dos movimentos sociais do campo. Para tanto, utilizamos o instrumental da pesquisa qualitativa para analisar a prática social da Comunidade Emiliano Zapata, situada no Município de Ponta Grossa (PR). Desta forma, o presente trabalho aponta a necessidade de um novo conceito que retrate esta realidade em sua totalidade. A partir deste estudo pode-se fazer um indicativo do *sustento familiar* como um possível conceito adequado, para aprofundar estes indicadores.

Palavras chave: Subsistência, autoconsumo, agricultura camponesa.

Abstract

The objective of this work is to demonstrate the inadequacy of the concepts of "subsistence" and "autoconsumption" to describe reality in construction from the agroecology and the process of organization of rural social movements in Brazil. The instrumental use of qualitative research to examine the social practice of the Community Emiliano Zapata, located in the city of Ponta Grossa (PR). This study suggests the need for a new concept that portray this reality in its entirety. From this study it may be an indication of family sustenance as a possible concept appropriate, to deepen them.

Keywords: *Subsistence, autoconsumption, peasant agriculture.*

Introdução

O processo de modernização do campo, denominado de Revolução Verde, implantado a partir da década de 1970, estava baseado na grande propriedade, na monocultura, e no uso de insumos químicos, trouxe diversas consequências para os trabalhadores do campo. Estes se viram obrigados a abandonar o campo e migrar para os centros urbanos, se proletarizando, vendendo a única coisa que lhes restava: a força de trabalho. O estímulo à adoção dos pacotes tecnológicos modernos no campo foi sendo assimilado por uma grande parte das famílias camponesas, as quais abandonaram práticas tradicionais como a produção dos alimentos destinados ao abastecimento da família, dedicando-se apenas a uma cultura voltada para o mercado como o fumo, a soja ou a avicultura. Assim se completava o desenvolvimento do capitalismo no campo: agora o agricultor poderia ser considerado um mero produtor de mercadorias para o mercado.

Por outro lado, outras formas de agricultura resistem e têm possibilidades históricas de se realizarem em contradição com a forma de agricultura hegemônica (FERREIRA e ZANONI, 1998). Diante do “modelo latifúndio/grande empresa agrícola promotor de exclusão social e pauperização tanto rural quanto urbana”, verifica-se ser interessante pensar outro modelo de agricultura. Este modelo deverá propor alternativas para construir outra agricultura que permita aos camponeses, e setores menos capitalizados poderem viver no campo com condições dignas de vida. Um importante espaço de resistência de outras formas de agricultura é o da luta pela

Resumos do VI CBA e II CLAA

terra, na qual os movimentos sociais do campo são os principais sujeitos. Destaca-se neste cenário a atuação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o qual ao lançar mão de sua principal ferramenta de luta, a ocupação de terra, proporciona a família sem terra a conquista de uma fração do território capitalista, significando destruição da relação capitalista e da criação e ou recriação da relação social familiar ou camponesa que gera a possibilidade de formação da agricultura camponesa (FERNANDES, 2005).

A produção para o consumo doméstico sempre foi encarada como uma prática atrasada, técnica e socialmente inferior, tendendo ao desaparecimento, segundo Khatonian (2001, p. 251) “na história da agricultura brasileira, a produção para o consumo doméstico está associada ao conceito de ‘agricultura de subsistência’, em oposição ao modelo de produção agrícola comercial”. Esta noção que nos trás a modernidade, de que moderno é o agricultor que produz uma mercadoria e troca no mercado por outras mercadorias de que necessita, trás uma imagem distorcida do agricultor que não se submete a tal determinação, sendo denominado de agricultura de subsistência.

A noção de subsistência permite diversos níveis de leitura, contudo, sua aceção mais usual está fortemente imbuída de um discurso proveniente das ciências econômicas, suplantando toda a riqueza da existência humana a um prefixo de “sub”, reafirmando esta conotação negativa. Trabalhos como Norder (2004) e Leite (2003) mostram que a produção de autoconsumo garantem uma melhoria do qualidade de vida das famílias assentadas e inclusive padrão médio alimentar superior a famílias urbanas em grandes cidades, com nível de renda semelhantes.

Desta forma, o presente trabalho procura demonstrar a possível insuficiência dos conceitos de subsistência e autoconsumo para designar a garantia de acesso às necessidades da família tendo como base a realidade das famílias que lutam pela terra. Também buscaremos pistas sobre possíveis indicadores que retratem para além da dimensão econômica a rica e complexa realidade da agricultura camponesa e finalmente apontaremos, a partir destes indicadores as primeiras argumentações que nos propiciem apontar para a construção de um novo conceito a partir da agroecologia e da organização dos movimentos sociais no campo.

Metodologia

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada no Acampamento Emiliano Zapata, situado no município de Ponta Grossa, Paraná. Optamos por esta modalidade de pesquisa, porque “ela trabalha com universo de significados” valorativos de cada indivíduo, ou seja, “o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2003, p.22). Foram utilizadas a observação participante e a entrevista semi-estruturada, entendendo que esta “não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos” (MINAYO, 2003) que vivenciam uma determinada realidade que está em evidência na pesquisa.

Resultados e Discussão

O debate em torno da agroecologia tem levado a um olhar mais atento para as palavras, e seus significados. Como parte importante da transição agroecológica, a produção dos alimentos voltados a atender as necessidades da família carece de significados. Os termos mais usuais que são subsistência e autoconsumo estão muito conectados a um olhar econômico, apresentando, uma conotação negativa – o prefixo sub - e uma conotação economicista, ligado a dimensão do dinheiro para ter acesso a bens, a idéia de consumir.

Diversos autores colocam a importância do debate da multidimensionalidade da agroecologia

Resumos do VI CBA e II CLAA

(CAPORAL, COSTABEBER, 2002). Assim o presente trabalho procura trazer as diferentes dimensões da vida no campo, além da produção dos alimentos e como estas diferentes dimensões estão conectadas e vinculadas umas as outras. A partir da análise das entrevistas detectamos que para as famílias desta comunidade terem qualidade de vida primeiramente se faz necessária à conquista da terra, a qual garante acesso ao principal fator de produção: a terra. Está conquista representa também o direito ao trabalho e autonomia no seu planejamento.

Entre as dimensões da qualidade de vida está a saúde, e é neste ponto que ganha relevância o debate construído desde o início deste acampamento na determinação da matriz de produção baseada em princípios agroecológicos. O debate de agroecologia realizado desde o início do acampamento, vai elevando a percepção das famílias sobre a questão ambiental, as quais aos poucos vão compreendendo as características do espaço em que vivem como o clima, solo, recursos naturais. Uma dimensão importante da vida diz respeito à cultura. Podemos dizer que cultura é tudo o que fazemos para organizar a vida. Neste sentido a nossa vida “não é só composta de trabalho e de mercadorias, mas de centenas de aspectos que se misturam na convivência entre as pessoas” (BOGO, 1999, p.49). Cultura, portanto, é um conjunto de práticas, técnicas, símbolos, valores que vamos aperfeiçoando no decorrer de nossa existência e vão sendo deixadas como herança para as futuras gerações, um dos agricultores entrevistados fala da sua percepção de cultura “... cultura ela também é complexa não diz respeito só a música a dança, é o jeito de nós produzi, o jeito de nós se alimenta, o jeito de nós vive em comunidade.

As entrevistas indicam também a dimensão existencial (individual e social), como importante fator para a compreensão da realidade dessas famílias. A convivência é uma delas que perpassa todas as entrevistas. O conviver no sentido amplo, onde existem os espaços coletivos que promovem a convivência (como os mutirões de trabalho voluntário, as reuniões do núcleo de família, as celebrações religiosas), mas, também por laços de afinidade e amizade construídas na vida cotidiana. A prática dos valores humanos que contribuem para melhorar a convivência e permitir o diálogo para a resolução de problemas. Dentre os valores a solidariedade tem destaque, não só com o olhar para dentro da comunidade, mas também pra fora, quando propõe que os alimentos agroecológicos devem ser garantidos a preços acessíveis para os trabalhadores mais empobrecidos.

Observa-se que o acampamento tem sido um espaço de valorização da família, de agregação, de garantir a segurança para os filhos. Principalmente nas falas das famílias que tem origem urbana, é freqüente a busca por um lugar mais seguro para viver com os filhos, sendo que o período vivido na cidade trouxe inúmeras histórias de violência. Sem a efetivação da área como assentamento pelo INCRA, muitos aspectos considerados importantes para a qualidade de vida no campo ainda não estão garantidos para a comunidade. A moradia foi um dos elementos centrais analisados por todos. A necessidade de melhorar as moradias que ainda são precárias, a necessidade de luz elétrica, água potável suficiente, necessidade de realizar investimentos para potencializar a produção agroecológica. No entanto, estas melhorias demandam do órgão executor da Reforma Agrária. A percepção dos entrevistados sobre o termo “subsistência” e autoconsumo não é significativa, com exceção de um entrevistado os outros disseram desconhecer a primeira. A maioria compreende ambas como sinônimos. Síntese destas passagens do texto: as famílias não se compreendem sob o filtro destes conceitos. Seu olhar é muito mais amplo.

Conclusões

A partir das considerações aqui colocadas destacamos que a noção de uma agricultura de subsistência - entendendo como tal aquela onde a família apenas produz para o seu abastecimento - não é claramente uma opção da família camponesa, mas sim resultado de

Resumos do VI CBA e II CLAA

políticas implementadas que promovem a exclusão. Até porque mesmo que a família produza os alimentos para si, alguma troca com o mercado se faz necessária, visto que precisa de bens de consumo produzidos socialmente. Verifica-se dessa forma, que os termos subsistência e autoconsumo são insuficientes para retratar a realidade da agricultura camponesa sob o enfoque da transição agroecológica. Desta forma sustento familiar, noção resgatada do ideário camponês, parece ser um conceito amplo e que aponta para a necessidade de pensar a existência além do meramente econômico ou da produção do alimento. Em primeiro lugar a garantia do sustento familiar demanda do acesso à terra a milhões de trabalhadores, marginalizados da terra e do trabalho, através de uma política estruturante: a Reforma Agrária.

Neste sentido as pistas para a construção de um novo conceito estão se desenhando. Sustento familiar pode ter como primeiro objetivo a conquista da terra, após a produção de alimentos para atender as necessidades da família, a mudança na matriz para a produção dos alimentos, o domínio de conhecimentos sobre o manejo das sementes crioulas e receitas, o acesso à educação, o fortalecimento da cultura camponesa, da convivência social, da valorização da família. Conceito este que optamos por chamar de “sustento familiar”, por se tratar de uma palavra comum do imaginário camponês, mas que tem uma grande significação à luz da agroecologia. Sustento familiar tem uma conotação bastante positiva da existência, além de estar ligado a um dos princípios da agroecologia que é a sustentabilidade.

Referências

- BOGO, A. *Lições da luta pela terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. *Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável* (texto provisório para debate). Porto Alegre: Emater/RS-ASCAR: 2002.
- FERNANDES, B.M. Conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A.M. *Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008. p. 173-230.
- FERREIRA, A.D.D.; ZANONI, M. Outra agricultura e a reconstrução da ruralidade. In: FERREIRA, A.D.D.; BRANDENBURG, A. *Para Pensar outra agricultura*. Curitiba: UFPR, 1998, p 15-26.
- KHATONIAN, C. A. *A reconstrução ecológica da agricultura*. Botucatu: Agroecológica, 2001.
- LEITE, S. Autoconsumo e sustentabilidade na agricultura familiar: uma aproximação à experiência brasileira. SEMINÁRIO “POLÍTICAS DE SEGURIDAD ALIMENTARIA Y NUTRICIÓN EN AMÉRICA LATINA”, 2003, Campinas. *Anais...* Campinas: FAO/ONU-FODEPAL-NEA/IE/UNICAMP, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NORDER, L. A. C. *Políticas de Assentamento e localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Wageningen, Wageningen. 2004.